

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA ADOLESCÊNCIA: UM ENFOQUE NA RELAÇÃO MÃE E FILHA

Camila Seron¹; Rute Grossi Milani²

RESUMO: Este estudo tem por objetivo compreender o papel da relação mãe e filha no processo de construção da identidade feminina na adolescência. Participaram da pesquisa dez adolescentes do sexo feminino, com idade entre quatorze a dezoito anos, cursando o ensino médio ou o ensino superior, e residindo com suas mães. Foi utilizado um roteiro de perguntas semi-estruturado, aplicado através de entrevista. Na sistematização e análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo, e para a discussão adotou-se o referencial psicanalítico. Observou-se que a identificação entre elas é um aspecto facilitador para uma relação mais próxima, possibilitando uma maior compreensão dos papéis sociais e da própria feminilidade. Essa relação também contribui para levar a adolescente a refletir sobre que mulher deseja ser, representando um ponto de partida, pois onde irá chegar é uma construção pessoal. Conclui-se que quando a identificação ocorre com a figura da mãe amada e admirada torna-se mais evidente a expressão de características particulares de mãe para filha, o que denota a importância deste primeiro modelo de mulher para posteriormente alcançar uma identidade feminina própria.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência; Identidade feminina; Relação materna.

INTRODUÇÃO

O adolescente está em vias de transformações, imerso em um processo de revisão de seu mundo interno e de suas heranças infantis, visando à adaptação ao novo corpo, às novas pulsões, decorrentes desta fase (Eizirik, 2001).

Jordão (2008, p. 157), afirma que:

A adolescência constitui-se em uma vivência fundamental na constituição identitária, permeada por mudanças, remodelamentos subjetivos, ressignificações de diversas ordens. O adolescente necessita reeditar sentimentos e vínculos primários em relação às figuras parentais, revisando assim, seus objetos internos e sua identidade.

Os principais modelos para construção da identidade, segundo Erikson (1998), são os pais e, se esta identificação for positiva, o adolescente estará mais apto a enfrentar dificuldades. É importante ressaltar que a identidade é um processo dinâmico e articulado. Pois, segundo Stürmer (2009), a adolescência é caracterizada por alternâncias de movimentos progressivos e regressivos na busca da construção da identidade, a qual se apoia nas primeiras relações objetivas internalizadas, nos vínculos e no suporte com a realidade externa, sustentada pelo ambiente familiar e social.

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – PR. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq-Cesumar). seron_camila@hotmail.com

² Orientadora, Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – PR. rute@cesumar.br

A nova identidade surge quando o adolescente é capaz de adaptar-se às mudanças e organizar sua identidade.

Para (LEVY, 2006, apud STURMER, 2009, p. 66), o adolescente enfrenta uma etapa de reordenamento simbólico, uma vez que:

nessa fase o adolescente necessita realizar um desligamento do sistema de representações montados pelo *self* até então, e criar um novo sistema que dê conta do novo corpo, do *self*, dos objetos e do mundo. É a estranheza em relação a si mesmo e aos outros, gerada pelas modificações físicas da puberdade, que dispara esse processo de desconstrução e reconstrução do sistema de representações, que, por fim, leva a emergência de uma nova subjetividade. Na tentativa de aplacar as angústias decorrentes desse processo de perda das representações, o jovem tanto se recolherá para o mundo interno como transitará psiquicamente entre várias comunidades e objetos, para se apropriar de algum *self*. Tais manobras defensivas têm a função de criar um sentimento de estabilidade narcísica a partir do olhar do outro, que ajuda na reconstrução de uma nova imagem própria.

Para Erikson (1998), a adolescência é o auge da crise (re) definidora da identidade, período quando acontecerá uma síntese que resultará no que chama de “identidade do ego”. A identidade, segundo Outeiral (2003), se organiza por identificações: inicialmente com a mãe, logo em seguida com o pai e depois com os outros elementos da família e pessoas da sociedade em geral.

Na visão psicanalítica, é através do processo de trocas que acontecem nas primeiras relações entre mãe e bebê que vão se criando as condições para o desenvolvimento do aparelho psíquico e dos processos de identificação, que serão o alicerce para os processos psíquicos posteriores. A entrada na adolescência é o momento em que as identificações começam a se transformar em identidade (CAMPAGNA, 2005).

A identificação “é um processo psicológico pelo qual o sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro”. Assim, o conceito de identidade é inseparável do conceito de identificação (LAPLANCHE, 2001, p.226).

Para Grinberg e Grinberg (1998), a identidade é o resultado da integração de três aspectos: O vínculo de integração espacial compreende a relação entre as diferentes partes do *self* entre si, incluindo do *self* corporal, mantendo sua coesão e permitindo a comparação e contrastes com os objetos; tende para a diferenciação entre o *self* e o não *self*: individuação. Está relacionado com o esquema corporal e que faz se sentir único. O vínculo de integração temporal compreende as relações entre as diferentes representações do *self* ao longo do tempo, estabelecendo uma continuidade entre elas e fornecendo a base para o sentimento de autenticidade. Está relacionado, portanto, a integração das experiências passadas com as vivências do presente e com a capacidade de imaginar-se no futuro. O terceiro, o vínculo de integração social, refere-se à conotação social da identidade e consiste na relação entre aspectos do *self* e aspectos dos objetos, mediante os mecanismos de identificação projetiva e introjetiva. Este vínculo está ligado com os pais e com figuras significativas para o indivíduo.

Assim, pode-se afirmar que tem identidade, um indivíduo, cujas partes componentes estejam satisfatoriamente integradas na organização de um todo, de maneira que produzam um efeito de unidade, e que, ainda, possua características únicas, singulares, que permitam distingui-lo de todos os outros. Enquanto o corpo e as expectativas sociais se modificam, a identidade feminina começa a se definir nesse período que chamamos de adolescência.

Considerando a adolescência um período importante na construção da identidade feminina e o valor dado pela psicanálise à relação materna no desenvolvimento psíquico,

esta pesquisa busca contribuir para o entendimento das influências que esta relação pode representar para a jovem adolescente. Assim, nota-se a importância de compreender o processo de construção da identidade feminina na adolescência, enfocando como o relacionamento entre mãe e filha interfere nessa construção. Os dados coletados junto às adolescentes poderão contribuir para ampliar a percepção e o entendimento sobre o relacionamento entre mãe e filha e suas implicações na saúde psíquica da jovem que está se tornando mulher.

MATERIAL E MÉTODOS

Neste estudo foram entrevistadas dez adolescentes do sexo feminino, com idade entre quatorze a dezoito anos, solteiras, residindo com suas mães. Quanto à escolaridade, variou entre as que cursavam o ensino médio ou ensino superior. As adolescentes selecionadas foram do município de Marialva – Paraná. As entrevistas foram realizadas na residência das adolescentes, porém em ambiente reservado, de modo a garantir o sigilo das informações. Para a coleta dos dados foi utilizando um roteiro de perguntas semi-estruturado, que foi aplicado através de entrevista. Os aspectos abordados nas entrevistas foram: caracterização, identidade feminina, percepção da figura materna e relacionamento com a mãe. Primeiramente foi agendado um encontro com a mãe de cada adolescente com a finalidade de apresentar os objetivos e procedimentos adotados na pesquisa, com compromisso de sigilo em relação aos dados individuais obtidos e com a garantia de liberdade aos participantes para desistirem do estudo a qualquer momento. Após o consentimento da mãe, foi apresentada uma autorização por escrito, Termo de Consentimento Livre Esclarecido, para a participação das adolescentes na pesquisa. Foi esclarecido ainda, que seria agendada uma devolutiva com a mãe e à adolescente sobre os resultados da pesquisa. Na sistematização e análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo, e para a discussão adotou-se o referencial psicanalítico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados estão divididos seguindo o roteiro de perguntas semi-estruturado aplicado através da entrevista com as adolescentes.

“Como é ser adolescente do sexo feminino?”, foi dividida em duas subcategorias: dificuldades e os aspectos positivos da fase. As dificuldades referem-se às mudanças hormonais, mudanças e novos cuidados com o corpo, mais exigências e responsabilidades, cobranças da sociedade e as diferentes formas de cuidados da mãe para com as filhas comparados de quando eram crianças, por exemplo, quando algumas adolescentes relataram sobre a proteção sentida de quando eram crianças, diferente de agora onde a mãe espera que a filha resolva situações difíceis sozinhas, e ainda quando a adolescente percebe que na adolescência a jovem começa a assumir um papel de mulher. Já quanto aos aspectos positivos algumas das adolescentes citam que ainda há pouca responsabilidade, ampliação dos contatos sociais, aquisição da independência e a participação em grupos.

“Quem são as mulheres importantes da sua vida?”, apresenta três subcategorias: primeiramente a mãe, em segundo foi relatada a importância especialmente das avós materna e posteriormente das avós paternas, e por último, as irmãs, tias e Nossa Senhora. Foi possível compreender que mãe e filha compartilham de uma relação particular onde é atribuída a mãe uma condição privilegiada, “quem me colocou no

mundo, me ensinou as coisas” (sic), “me baseio nela para ser mulher” (sic), “porque a vida dela é uma vida de renúncia pelas filhas” (sic), “meu primeiro contato, meu espelho, meu tudo” (sic).

Algumas adolescentes têm uma percepção positiva de suas mães, quando as mães se apresentam presentes na vida das filhas, pois são mães que buscam incluir-se na vida das adolescentes, participam, conversam, brincam, se preocupam, perguntam sobre os acontecimentos rotineiros, o que podem ser considerados aspectos favoráveis para uma relação mais próxima. E quando a relação é permeada por pouco contato físico e verbal, sem intimidade, falta de tempo entre mãe e filha, nota-se pouca aproximação, e assim considerados aspectos difíceis diante da percepção da mãe e pouca aproximação. Segundo os relatos das adolescentes estas valorizam a companhia, ajuda e a confiança na relação com a mãe. Na relação entre mãe e filha, a adolescente identifica-se com diversas características da mãe, e quando na relação notam-se limitações, pontos onde a adolescente discorda, demonstra assim as limitações existentes da relação o que pode fazer com que a filha busque outros referenciais para identificar-se com outras características e construir sua própria identidade. É com a figura da mãe que se inicia o processo de identificação, mas ao longo do desenvolvimento da adolescente irão sendo apresentados outros referenciais, como as avós e tias. A figura das avós foi percebida como mulheres onde as adolescentes buscam conforto, carinho e atenção, na ausência da mãe. A avó, principalmente a materna, pode ser considerada como uma extensão da própria mãe. As irmãs e tias são percebidas pelas adolescentes como mulheres amigas e companheiras. Por último, Nossa Senhora foi citada, o que pode estar representando para a jovem adolescente uma mãe ideal e a busca de uma identificação positiva, na tentativa de solução das angústias.

“Como é a história do relacionamento entre vocês, mãe e filha?”, nota-se que compartilhar experiências marcantes, como por exemplo, a primeira menstruação, o primeiro beijo, o primeiro namorado, é o fator principal que permeia a história do relacionamento entre mãe e filha. A mãe é o referencial onde se pode “relevar os segredos”, “compartilhar vivências”, o que ajuda a filha adolescente a conhecer seus papéis sociais e a própria feminilidade, pois a mãe tem o papel de ser a mediadora entre a filha e os acontecimentos externos.

“Você se identifica com sua mãe? Em quais aspectos?”, foi possível perceber a identificação das adolescentes com suas mães quando essas mantêm aspectos essenciais da relação. Quando a mãe é percebida como figura admirada nota-se assim um aspecto facilitador para uma identificação sadia e harmônica. É importante que a filha possa reconhecer elementos de identificação com a mãe, ser como ela em alguns aspectos, mas como ponto de partida e não de chegada.

“Qual era a sua percepção sobre sua mãe quando criança? E hoje, percebe alguma mudança?”, é na adolescência que as jovens introduzem uma melhor percepção de si mesmas e podem também perceber o que as difere de suas mães, considerando o processo de construção da identidade na adolescência, a luta para estabelecer uma identidade pessoal.

“Pensando em você no futuro, adulta, que tipo de mulher gostaria de ser?”, mãe e filha compartilham uma relação particular que influencia na maneira da adolescente planejar o seu próprio futuro. É no relacionamento com a mãe que a filha pode identificar-se com os atributos femininos e moldar o que é ser mulher.

CONCLUSÃO

Por meio desta pesquisa foi possível compreender que a construção da identidade feminina na adolescência sobre influências da relação entre mãe e filha. A relação entre

mãe e filha pode ser entendida como ponto inicial para a construção da identidade feminina na adolescência, pois as jovens procuram na figura da mãe um modelo, mas com o passar do tempo conseguem se diferenciar da mãe, mas carregam consigo características essenciais vividas desta relação. Outro aspecto relevante levantado durante esta pesquisa é o fato de que as avós maternas são consideradas figuras significativas no desenvolvimento da identidade feminina das adolescentes, pois são percebidas como mulheres cuidadoras, acolhedoras e receptivas, podendo auxiliar as jovens adolescentes em sua relação com a feminilidade: como se comportar e se vestir.

O pai também pode ser fonte de identificação para a adolescente, quando este se apresenta sensível às necessidades da filha, atento as mudanças enfrentadas na vida da filha adolescente diferente do lugar ocupado pela mãe em alguns momentos, devido ao trabalho por exemplo.

Assim, considerando a importância da relação mãe e filha é comum as filhas seguirem o modelo da mãe, pois percebem no jeito de ser, nas atitudes e comportamentos da mãe, o que podem se identificar tornando uma relação mais próxima e favorável para o desenvolvimento da feminilidade na construção da identidade feminina.

REFERÊNCIAS

BASSOLS, Ana M. S.; KAPCZINSKI, Flávio; EIZIRIK, Cláudio L. **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CAMPAGNA, Viviane N. **A identidade feminina no início da adolescência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

CASTRO, Maria da Graça K; STURMER, Anie; ALBORNOZ, Ana Celina G.; [et al]. **Crianças e adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ERIKSON, Erik H. **O ciclo da vida completo**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GRINBERG, Léon; GRINBERG, Rebeca. **Identidade e mudança**. Lisboa: Climepsi, 1998.

JORDÃO, Aline B. **Vínculos familiares na adolescência: nuances e vicissitudes na clínica psicanalítica com adolescentes**. Aletheia 21(1), p.157-172, jan/jun.2008.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da psicanálise**. 4ª.Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.